

“Vivendo e aprendendo a jogar”:
dimensões formativas de
experiências participativas
de ação coletiva e militância de
jovens em uma ocupação urbana
em Belo Horizonte

Francisco André Silva Martins

“Vivendo e aprendendo a jogar”:
dimensões formativas de
experiências participativas
de ação coletiva e militância de
jovens em uma ocupação urbana
em Belo Horizonte

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

2022

Conselho Editorial:

Profª Drª Adriana Garcia Gonçalves
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho
Universidade Estadual Paulista – Unesp
Prof. Dr. Antenor Antonio Gonçalves Filho
Universidade Estadual Paulista – Unesp
Profª Drª Bruna Pinotti Garcia Oliveira
Universidade Federal de Goiás – UFG
Profª Drª Célia Regina Delácio Fernandes
Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD
Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Prof. Dr. Fernando de Brito Alves
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP
Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira
Universidade Federal do Pará – UFPA
Profª Drª Heloisa Helena Siqueira Correia
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof. Dr. Hugo Leonardo Pereira Rufino
Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus
Uberaba, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico
Profª Drª Jáima Pinheiro de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação – UFMG / FAE

Profª Drª Jucelia Linhares Granemann
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS
Profª Drª Juliane Aparecida P. P. Campos
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Profª Drª Layanna Giordana Bernardo Lima
Universidade Federal do Tocantins – UFT
Prof. Dr. Lucas Farinelli Pantaleão
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Prof. Dr. Luis Carlos Paschoarelli
Universidade Estadual Paulista – Unesp / Fae
Profª Drª Luzia Sigoli Fernandes Costa
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Profª Drª Marcia Machado de Lima
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof. Dr. Marcio Augusto Tamashiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins – IFTO
Prof. Dr. Marcus Vinícius Xavier de Oliveira
Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Prof. Dr. Mauro Machado Vieira
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Prof. Dr. Osvaldo Copertino Duarte
Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Editor da Editora De Castro: Carlos Henrique C. Gonçalves

Projeto gráfico e capa: Carlos Henrique C. Gonçalves

Fotos para capa: Marcelo Sampaio / @luzesdemarília

Revisão de textos/normalizações (ABNT): Raquel Mariane da Silveira / silveira.raquelm@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

M386 Martins, Francisco André Silva.

“Vivendo e aprendendo a jogar” : dimensões formativas
de experiências participativas de ação coletiva e
militância de jovens em uma ocupação urbana em Belo
Horizonte [recurso eletrônico] / Francisco André Silva
Martins. — 1. ed. — São Carlos : De Castro, 2022.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-5854-795-2

1. Sociologia urbana - Belo Horizonte (MG).
2. Movimentos sociais - Belo Horizonte (MG).
3. Belo Horizonte (MG) - Condições sociais. I. Título.

CDD22: 307.76098151

DOI: 10.46383/isbn.978-65-5854-795-2

Todos os direitos desta edição estão reservados a Francisco André Silva Martins. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Editora De Castro
contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br



*Vivendo e aprendendo a jogar
Vivendo e aprendendo a jogar
Nem sempre ganhando
Nem sempre perdendo
Mas aprendendo a jogar.*

Elis Regina

Agradecimentos

Ao final do doutorado, posso dizer que o conjunto de páginas, encadernadas, organizadas, nas normas da ABNT, como objeto, não consegue exprimir todo o esforço empreendido para que essa empreitada pudesse ser efetivada. Nesse momento, a tese como trabalho de conclusão, mais que expressão de finalização de um curso, representa uma trajetória pessoal e se materializa em forma de livro. Este trabalho representa uma caminhada de autoconhecimento, que reforçou o entendimento de que sempre há muito por aprender. Quero agradecer àquelas pessoas que contribuíram para que essa caminhada fosse concluída.

A todos os jovens e a todas as jovens envolvidos/as na pesquisa – Maria, Dorothy, Beatriz, Zilda, Pedro, Milton e Paulo – que, no exercício de sua luta, contribuíram para que esta pesquisa pudesse ser efetivada.

Ao Prof. Dr. Geraldo Leão, agradeço pela orientação cuidadosa, pelas discussões saudáveis, pelo respeito às minhas opiniões e convicções, pela sua disponibilidade de tempo e pela sua capacidade de mostrar os caminhos sem ser autoritário. E agora também agradeço pelas palavras na apresentação desse trabalho.

Ao Prof. Dr. Juarez Dayrell, agradeço por tudo o que me proporcionou, pelas orientações na universidade e fora dela. Se chego a esse patamar, com certeza muito devo a você.

Aos professores e às professoras que fizeram parte de minha caminhada acadêmica e que também contribuíram para que este trabalho se efetivasse: Amelinha, Lucinha, Leôncio, Licínia, Nilma, Juliane Corrêa, Paulo Nogueira, Rodrigo Ednilson.

A Luci Maria da Silva, minha mãe do coração, obrigado pela sua existência. Exemplo de garra e força, que, mesmo sem saber muito bem o que eu estava fazendo, sempre me apoiou incondicionalmente.

À minha avó Ninica, que, na sua simplicidade, é o maior exemplo de que humildade não faz mal a ninguém.

A Ana Amélia, companheira na labuta da vida familiar e no bom combate da vida acadêmica.

Ao Pedro, meu presente, que me ensinou estratégias para ler e escrever sem me incomodar com o choro, troca de fraldas, banho e desenhos animados.

Ao Gabriel, meu filho, a quem amo de maneira incomensurável, mesmo estando distante.

Aos meus irmãos, Cor Maria, Kiko e Karine. Vocês, que sempre me encorajaram e que nunca duvidaram que eu fosse alcançar o meu objetivo.

A Nina, agradeço pelo apoio e pelos cuidados com meu pai até o momento de sua passagem.

Às minhas tias, tios, primos e primas, minha família sempre foi um porto seguro.

A todos os meus amigos e amigas do Observatório da Juventude da UFMG, uma família, que tornou a estada na universidade menos dolorosa.

Ao grupo de Formação de Agentes Culturais: Saulo, Ivan, Rominho, Priscila, Célia, Russão, Ananda, Everton, Preto e Bombi. Agradeço pela amizade e oportunidade de trabalharmos juntos.

Ao pessoal do GIZ: Zulmira, Symaira, Lourdinha, Bréscia, Vivi, Maíra, Tetê, Fabi, Leandro, Igor, Raquel, Ariadia, Renata, Karol e Amanda. Agradeço a vocês pela convivência fraterna e pela oportunidade de aprendizado do que é efetivamente um trabalho em equipe.

Ao pessoal dos cursos JUBEMI (Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador) e JUVIVA (Curso de Atualização em EJA e Juventude Viva), agradeço pelas ricas discussões nas tardes de terça.

Aos meus amigos da Escola Municipal CIAC Lucas Monteiro Machado: José, Bruno, Juliana (*In memoriam*), Julvânia e Cida. Agradeço pela oportunidade de viver o processo educacional de maneira visceral. Quem luta, educa!

Aos amigos com quem dividi as vicissitudes e prazeres do doutorado: Edgar, Conde, Léo de Montes Claros, Igor, Sandro, Joaquim, Jerry, Bodô e Camila. Obrigado pelo ombro amigo, por ouvirem minhas viagens e por lerem meus textos.

Aos amigos de caminhadas anteriores – graduação, especialização e mestrado: Paula, Ricardo, Ângelo (*In memoriam*), Celma, Carol, Netinha, José Humberto, Ana Paula, Hilma, Hasla, Renatinha.

A toda a equipe da Secretaria da Pós-graduação FaE-UFMG.

Agora agradeço também as pessoas que entraram na minha vida após a escrita da tese, mas que se mostram muito importantes em meus caminhos cotidianos após a defesa do doutorado.

Agradeço a todos da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, hoje meu lugar de combater o bom combate. Colegas professores/as, direção, coordenação de curso, todo o pessoal do administrativo, todo o pessoal da limpeza e manutenção e em especial aos/às estudantes, que sempre nos motivam a continuar caminhando para a frente.

Aos/às colegas do Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado em Educação, pelas lições diárias e pelo exemplo de dedicação ao processo formativo como luta política.

Às colegas do recém fundado Observatório das Juventudes da FAE-UEMG, bem como todos os bolsistas, companheiras na luta pelas questões das juventudes.

Às colegas do NEPEJA, Núcleo de Extensão e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos FAE-UEMG, companheiras nos embates em defesa de uma educação pública, crítica, laica e de qualidade para todas as pessoas.

Sumário

Agradecimentos	7
Apresentação	15
Considerações iniciais	21
Uma ocupação no horizonte da cidade	39
Uma brigada na luta por questões populares	71
Uma frente de luta	93
Experiências participativas dos jovens da Frente de Juventude da Ocupação Dandara	125
Sentidos e significados da participação	179
Considerações finais	207
Índice remissivo	221

Lista de abreviaturas e siglas

CELLOS - Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais

CNPU - Conselho Nacional de Política Urbana

EIV - Estágio Interdisciplinar de Vivência

Enem - Exame Nacional do Ensino Médio

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

LGBTTT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros

MPL - Movimento Passe Livre

Morena - Movimento Revolucionário Nacionalista

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

OP - Orçamento Participativo

PBH - Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

PMMG - Polícia Militar do Estado de Minas Gerais

Prouni - Programa Universidade para Todos

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSB - Partido Socialista Brasileiro

PT - Partido dos Trabalhadores

PUC - Pontifícia Universidade Católica

RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte

Samu - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

UJS - União da Juventude Socialista

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Apresentação

*Se o ar não se movimenta, não tem vento,
se a gente não se movimenta, não tem vida...*

Itamar Vieira Junior, Torto Arado

A desigualdade em relação ao acesso à terra no Brasil é um problema social secular. Ela está na raiz das desigualdades em nosso país, o que levou José de Souza Martins a elaborar a ideia de “cativeiro da terra”. De acordo com ele, a crise do regime de sesmarias está vinculada à crise do regime escravocrata em meados do século XIX: “um novo regime fundiário no Brasil teria que ser, na verdade, um estatuto do trabalho livre, e o foi, mediante a interdição da terra a todos que não pudesse pagar por ela” (MARTINS, 2002, p. 165). A posse ou não da terra se torna então um fator de distinção social, condição para manter a força de trabalho submissa à ordem e à disciplina do sistema capitalista.

Tal realidade irá atravessar todo o século XX no Brasil. Nos centros urbanos, a questão da moradia está profundamente relacionada a essa dinâmica. Com o deslocamento de massas de trabalhadores agrários interditados da posse da terra e atraídos pelo trabalho nos centros industriais a partir de meados do século passado, o acesso à moradia tornou-se uma questão social central. Morando nas periferias das grandes cidades, em vilas e favelas, geralmente em condições desumanas, ou se submetendo ao regime de aluguel, as famílias veem perpetuadas a condição de pobreza que passa de geração a geração, interditando projetos e sonhos de mobilidade social.

Assim, urbanização e industrialização caminham passo a passo com as desigualdades raciais e sociais, sendo a questão da moradia uma das expressões mais nítidas dessas dinâmicas da acumulação capitalista no Brasil. Seja gastando várias horas do dia em deslocamentos de casa ao trabalho, seja transferindo a maior parte de seus ganhos para aqueles que vivem da exploração imobiliária, massas de trabalhadores precários, subempregados ou desempregados se veem submetidos a essa realidade. Podemos dizer, parafraseando o autor, que há um “cativeiro da moradia” alimentando uma estrutura social onde uma grande parcela da população

brasileira vive na condição de subalternidade. O tempo que dedicam às ocupações mal remuneradas, precárias e em tempo parcial é consumido em sua maioria com o pagamento de aluguéis e/ou com o deslocamento.

Como uma questão central na experiência social das famílias empobrecidas nos centros urbanos do país, entre outras demandas, a questão da moradia se constituiu em foco das mobilizações populares na sociedade brasileira nos anos 80 do século passado, na esteira dos Novos Movimentos Sociais. Não por acaso, Eder Sader, em seu já clássico livro sobre as lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo nos anos 1970-1980 (SADER, 1988) concedeu algumas páginas à discussão. Intitulada “Projetos familiares: o sonho da casa própria”, essa parte da obra analisa a centralidade que a questão da habitação tomava na experiência cotidiana das famílias.

A questão urbana esteve no centro das lutas dos movimentos sociais emergentes no contexto da redemocratização brasileira. Uma série de iniciativas de base popular, comunitária e autônoma – associações de bairro, clubes de mães, movimentos por transporte, jornais de bairro – se disseminaram pelas periferias das grandes cidades mobilizando a população em torno de problemas concretos vividos em seus cotidianos.

O livro que o professor Francisco Martins nos apresenta agora, fruto de sua pesquisa de doutoramento, nos remete a esse cenário de desigualdades sociais historicamente reproduzidas na sociedade brasileira e ao legado das lutas que daí emergiram.

Abordando o aprendizado nascido do engajamento juvenil em torno da Ocupação Dandara em Belo Horizonte, Minas Gerais, sua análise atualiza essas questões para o contexto das grandes cidades na era da globalização. Como nos lembra, “questões como verticalização, transporte urbano, limpeza urbana, democratização do acesso à cidade, direito à moradia, qualidade de vida, segurança pública, entre tantas outras, passaram a ser ponto de pauta das plataformas dos partidos políticos e dos movimentos sociais.”

Mas se esses aspectos têm centralidade nas lutas urbanas contemporâneas, o olhar do autor chama atenção para as relações sociais e os sentidos envolvidos nelas. Para além de uma análise e descrição da ação investigada, sua organização, estrutura e demandas, o foco recai nos processos educativos acionados a partir do engajamento coletivo. A partir da vivência de condições sub-humanas pelos seus moradores, da solidariedade tecida no cotidiano da ocupação e da construção de experiências coletivas de enfrentamento dos problemas, forjam-se identidades e aprendizados diversos.

Ao levantarem a bandeira do direito à moradia, esses/as sujeitos/as se afirmam, reivindicam outros direitos – saúde, escola, lazer etc. – e se tornam visíveis para a cidade. Nesse processo, educam a si, porque vão se descobrindo capazes de lutas e resistências, vão se descobrindo portadores de direitos e de identidades positivas. Mas educam também a sociedade e

suas instituições, ao reivindicarem direitos legítimos e um lugar que não seja um legado de subalternidade. Essa tem sido uma rica perspectiva no âmbito dos estudos sobre movimentos sociais e educação à qual a presente obra se filia (ARROYO, 2003; GOMES, 2017).

Tais dimensões não poderiam ser investigadas sem um profundo compromisso do pesquisador com os/as sujeitas da pesquisa, seus contextos de vida e suas lutas. A partir de uma pesquisa etnográfica, com intenso acompanhamento do cotidiano dos/as moradores/as, compartilhando com eles/as momentos de reuniões, assembleias, celebrações e acontecimentos, o autor nos convida a conhecer o cotidiano da Ocupação Dandara em Belo Horizonte. Uma das primeiras ocupações urbanas em Belo Horizonte nos moldes daquelas que emergiram nas grandes cidades brasileiras recentemente, ela foi um marco que inspirou várias outras ocupações.

Outro aspecto importante a ser ressaltado se refere ao recorte nos jovens e a participação política e social. Essa é uma preocupação que acompanha o autor desde sua pesquisa de mestrado, quando investigou o engajamento de estudantes em um grêmio estudantil (MARTINS, 2010). A participação social dos jovens brasileiros tem sido um tema que acompanha a própria constituição do campo de estudos das juventudes, quando Marialice Foracchi desenvolveu suas pesquisas sobre o assunto ainda na década de 60 (FORACCHI, 1965, 1972, 1982). Tal temática acompanhou os estudos sobre a condição juvenil brasileira na década de 80, momento em que jovens e suas práticas culturais nas cidades tornaram-se foco de atenção de vários estudos (ABRAMO, 1994).

No contexto da primeira década do milênio, agrega-se a esse debate a questão da participação juvenil na definição das políticas públicas. É o caso do relato sobre o envolvimento de uma representante da Ocupação Dandara na IV Conferência Municipal (2013) para a eleição do novo Conselho Municipal de Juventude de Belo Horizonte. Os relatos nos mostram como as instâncias de participação ainda são pouco democráticas e construídas de forma que alguns atores sejam excluídos dos processos decisórios. Em que pese isso, esse foi um momento importante de afirmação e visibilidade política para os/as jovens moradores/as das ocupações na cidade.

De uma maneira geral, podemos dizer que os estudos recentes sobre movimentos sociais revelam uma grande diversidade de formas e modos de ação que desafiam a nossa compreensão sobre os ativismos contemporâneos, especialmente no caso das juventudes (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020). Um desafio que o autor não deixou de enfrentar ao confrontar a atuação de jovens que cresceram e se formaram nas experiências da Ocupação Dandara e ativistas mobilizados em torno dela, mas que vinham de outras trajetórias sociais. Buscando compreender essa diversi-

dade de experiências e seus processos formativos, podemos vislumbrar a intersecção de diferentes pertencimentos – de classe, raça, gênero – e seus impactos na relação com o engajamento nas lutas da Ocupação Dandara, embora esse não tenha sido foco da análise no momento de sua produção.

A partir de suas experiências individuais e coletivas, os/as jovens indicam especificidades – o momento no ciclo da juventude, o fato de ser ou não morador da ocupação, a trajetória escolar, a condição de classe, as relações de gênero – que exigem de nós um aguçamento do olhar para compreendermos de uma forma mais ampla a condição juvenil nesse contexto.

Outra questão importante nas experiências relatadas refere-se ao fenômeno da mobilização social em marchas e manifestações de protestos, especialmente os eventos que assolaram o país em 2013 e que se convencionou chamar de Jornadas de Junho. Com a participação massiva da população, um movimento que se originou da mobilização do aumento de passagens do transporte urbano em São Paulo, disseminou-se pelo país, tomando conta das capitais e grandes cidades. Para além de uma imagem espontaneísta dos protestos, os registros da participação dos militantes jovens da Ocupação Dandara neles desvelam a existência de uma rede submersa de movimentos e ações coletivas que se articulam, especialmente com o suporte das redes sociais. Junto com outros movimentos populares, sociais e políticos, a participação dos/as jovens militantes revela o seu importante papel para dar organicidade e sustentação a um movimento de “cidadãos” trazendo concretude a demandas muito genéricas.

O ativismo juvenil nesse início de milênio traz uma pluralidade de formas de ação e repertórios políticos (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020). Há um grande número de coletivos organizados em torno da cultura, da economia solidária no campo e na cidade, na educação superior e no ensino médio, nos partidos, sindicatos e organizações políticas as mais diversas, além dos movimentos feminista e negro. As abordagens sobre essas iniciativas podem iluminar questões submersas em nossas sociedades, produzindo chaves de análises potentes para compreender os dilemas do nosso tempo (MELUCCI, 1997). Com a sensibilidade e o compromisso político, esse é uma grande contribuição nesse sentido.

Belo Horizonte, abril de 2022.

Geraldo Leão
Professor Titular
Faculdade de Educação - UFMG

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Escrita, 1994.

ARROYO, Miguel. Pedagogia em movimento – o que temos a aprender nos Movimentos Sociais? **Revista Currículo sem Fronteiras**, v. 3, n.1, p. 28-49, jan./jun. 2003.

FORACCHI, M. M. **O estudante na transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

FORACCHI, M. M. **A juventude e a sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

FORACCHI, M. M. **A participação social dos excluídos**. São Paulo: Hucitec, 1982.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MARTINS, Francisco André Silva. **A voz do estudante na educação pública: um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2010.

MARTINS, Francisco André Silva. **“Vivendo e aprendendo a jogar”**: dimensões formativas de experiências participativas de ação coletiva e militância de jovens em uma ocupação urbana em Belo Horizonte. 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da UFMG.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**. Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis: Vozes, 2002.

MELUCCI, Alberto. “Juventude, tempo e movimentos sociais”. *In*: Juventude e contemporaneidade. **Rev. Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 5-14, maio/ago./set./dez. 1997. Edição Especial.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**. Experiências e lutas dos trabalhadores na Grande São Paulo 1970-1980. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SPOSITO, Marília Pontes; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. Jovens em Movimento: Mapas Plurais, Conexões e Tendências na Configuração das Práticas. Dossiê: Movimentos Sociais e Transformações do Ativismo Contemporâneo. **Rev. Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, p. 1 – 20, 2020.

Considerações iniciais

1 Apresentação da pesquisa

O presente trabalho teve como objetivo estudar experiências participativas de um grupo de jovens militantes que atuavam em uma ocupação urbana na cidade de Belo Horizonte. O foco central da luta empreendida por esses jovens era o direito à moradia, que repercutia em outras tantas questões relacionadas à juventude e que passavam a fazer parte do seu cotidiano e da sua vida. Ancoramo-nos na hipótese de que essas experiências carregavam consigo um caráter formativo alicerçado nas práticas, vivências, relações, conflitos e movimentações que os jovens protagonizavam e em que estavam inseridos. Uma formação que se deu em uma perspectiva ampliada, na dimensão do concreto, da vida vivida na desigualdade e na luta por superá-la. Experiências que denotaram aos sujeitos envolvidos outros papéis, para além dos estereótipos sociais de jovens, pobres, negros, moradores de uma ocupação (ARROYO, 2012).

A metáfora do jogo, que aparece no título da pesquisa, cumpriu papel importante ao nos auxiliar no estudo e análise do contexto estudado. O jogo, aqui entendido como a dinâmica da realidade social em si, demonstrou não ser só coação nem só liberdade, assim como não ser inerte nem estar com as regras finalizadas. É disputa! Ao jogador, não cabe apenas cumprir um papel, pois o ato de jogar está além de simplesmente assimilar as regras. Dubet (1994), ao utilizar essa metáfora do jogo estabelecido no tecido social, esclarece que a relação do ator com o sistema pressupõe não apenas a manutenção, mas também a transformação das regras por meio de conflitos que se dão na tessitura da relação social. Nesse sentido, a capacidade de transformar as regras aparece como um efeito não pretendido do próprio jogo.

Alberto Melucci (2004), também usando a metáfora do jogo, destaca aspectos importantes em torno das questões do indivíduo na sociedade contemporânea. O autor chama a atenção para o fato de estarmos inseridos em uma sociedade global, caracterizada pela dinâmica do processo de mudanças que toma proporções nunca vistas. Tal contexto incide em uma pluralidade de papéis e experiências, cognitivos e afetivos, inserindo o indivíduo em um cotidiano tenso, incerto, que remete a mudanças nas relações, que passam a ter como marca a complexidade e a diferença. Segundo

Melucci (2004), no contexto social anteriormente mencionado, o indivíduo “precisa construir conscientemente o campo da experiência, jogando sempre novos jogos” (p. 15).

Diante do exposto, não é sem intenção que a música cantada por Elis Regina¹ foi incorporada ao título da pesquisa. Tal obra traduz e expressa de maneira singular e poética o que entendemos estar muito próximo do que vimos na realidade dos jovens militantes estudados. Os versos chamam a atenção para o fato de viver e aprender vivendo, bem como para a questão das perdas e ganhos no decorrer da vida e seus aprendizados. Freireamente falando, tais versos dialogam conosco por entendermos que não se aprende para a vida, aprende-se vivendo a vida, que por si só é aprendizado (FREIRE, 2011).

O meu interesse pelas experiências participativas vividas por jovens tem início a partir da minha militância como estudante no Ensino Médio e Superior. Mediante as experiências vividas e as inquietações proporcionadas, o tema se tornou objeto de minha pesquisa de mestrado na Faculdade de Educação da UFMG (MARTINS, 2010). Esse foi um momento singular, no qual tive a oportunidade de atuar como pesquisador do Observatório da Juventude² e me inteirar de algumas das inúmeras questões inerentes aos jovens do nosso tempo.

Na pesquisa anteriormente citada (MARTINS, 2010), investiguei a participação de jovens estudantes, por meio do grêmio estudantil, no cotidiano de uma escola pública municipal e os reflexos dessas experiências no seu processo de formação. Concluí que a participação dos jovens se dava mediante conflito e luta, fosse por melhoria na escola, por garantia de vagas ou mesmo pela garantia do direito de atuar e intervir na escola. No exercício participativo, os jovens passaram a ocupar novos lugares e a exercer novos papéis. Agregada a tal experiência, foi notada a conscientização dos jovens em relação aos seus direitos como estudantes e uma maior responsabilidade como representantes do coletivo de alunos. Percebeu-se de forma singular o caráter educativo da participação em atividades variadas como viagens, passeatas, reuniões e conferências. Essas atividades tinham um componente fortemente ligado à prática. Os jovens aprenderam a falar em público, a montar a pauta de uma reunião, a organizar e a elaborar documentos, a buscar recursos para eventos, a escrever um pan-

1 - ARANTES, Guilherme. Aprendendo a jogar. Intérprete: Elis Regina. In: **Amor até o fim**. EMI, 1980.

2 - O Observatório da Juventude é um programa de ensino, extensão e pesquisa da Faculdade de Educação da UFMG. Desenvolve atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), além de promover a capacitação de jovens, educadores e estudantes da graduação interessados na problemática juvenil. Orienta-se por quatro eixos centrais: condição juvenil; políticas públicas e ações sociais; práticas culturais e ações coletivas da juventude na cidade e construção de metodologias de trabalho com jovens. Cf. OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE, 2013.

fleto, a compor uma palavra de ordem; ou seja, os jovens se apropriaram da experiência participativa na perspectiva da prática.

Em relação à participação juvenil percebe-se que há, nos estudos acadêmicos, de acordo com a pesquisa **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**, o privilégio da investigação da atuação dos jovens no movimento estudantil, em especial no ensino universitário (SPOSITO *et al.*, 2009), o que representa um risco, uma vez que pode vir a projetar uma imagem distorcida, como se os jovens fossem restritos a experiências participativas nas instituições escolares. A realidade atual nos apresenta um leque variado de iniciativas de participação produzidas pelos jovens em decorrência de suas experiências, de suas demandas e de seus interesses (LEÃO *et al.*, 2005). Outros espaços – como grupos culturais e identitários, coletivos de ambientalistas, movimentos pelo passe livre dos estudantes, ações organizadas de ocupação e reforma urbana, movimentos que lutam pela livre utilização de uma praça, entre outros – proporcionam experiências de caráter formativo na perspectiva da prática, da relação com o outro e do olhar para a sociedade (SOUSA, 2014).

A diversidade representativa constante na Conferência de Políticas Públicas de Juventude de 2008³ sinaliza a complexidade das experiências participativas atualmente vividas pela juventude. Estavam representados nesse evento jovens pertencentes às mais variadas organizações e movimentos sociais: partidos, sindicatos, movimentos religiosos, movimentos ambientalistas, organizações não governamentais, Movimento Negro, Movimento LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros), juventude cigana, grupos culturais, juventude com deficiência, entre outros (ABRAMOVAY; CASTRO, 2009).

Vemo-nos diante de uma diversidade muito rica que em si não comporta a palavra juventude no singular. Nesse sentido, ao tratarmos de um coletivo de jovens que carrega consigo a insígnia da juventude, é prudente que antes nos debruçemos sobre as discussões que envolvem essa temática, que tem se consolidado como campo de pesquisa nos últimos anos no Brasil (SPOSITO *et al.*, 2009).

Se fizermos uma retomada histórica, perceberemos que a juventude, como a entendemos atualmente, é uma construção recente, o que pode causar uma variedade de entendimentos e leituras em torno do tema. Hoje, se perguntarmos a qualquer pessoa de nossa sociedade, ela saberá dizer o que é ser jovem. Obviamente, as opiniões vão variar; entretanto, não seria surpresa se essa representação fosse marcada por características reforça-

3 - Conferência com abrangência nacional, agregando questões diversas e que foram tratadas por delegados e observadores eleitos em conferências municipais e estaduais ocorridas anteriormente em todo o país.

das pela negatividade, pautada em estereótipos construídos empiricamente, mas que, apesar de aparentar uma verdade, não nos dizem tudo.

Na segunda metade do século XX, a partir da década de 1950 (CANEVACCI, 2005), mais especificamente no período do pós-guerra, a juventude assume maior espaço e visibilidade social. No início, tratava-se de um problema a ser resolvido, pela falta de ocupação, pela rebeldia, pelo questionamento da ordem social estabelecida. Nos anos 1960, a atuação da juventude foi um marco histórico, quando movimentos estudantis e de contracultura explicitaram o rompimento com o tradicionalismo da sociedade em questão.

Os movimentos de contracultura atestavam a dimensão da oposição que as novas configurações juvenis dirigiam à cultura dominante (CANEVACCI, 2005). O sexo e a virgindade, que eram tabus, passaram a ser tratados pela perspectiva da liberdade. A pílula anticoncepcional possibilitava viver o ato sexual pelo prazer proporcionado – enfrentando a visão de que, especialmente para as mulheres, ele deveria acontecer apenas para a procriação. As roupas funcionavam como marca de uma geração por meio das cores e estampas, transmitindo discursos e posicionamentos. A música, por meio do *rock*, entoava mensagens que ecoavam naquela sociedade. As drogas apareciam como possibilidade de viver um movimento de catarse que levaria ao ato do pensar criticamente o momento vivido para além das convenções. De modo concomitante a tudo isso, os conflitos armados entre as potências bélicas eram alvo de críticas contundentes. No aspecto político, os estudantes da França promoveram lutas por mudanças que iriam ressoar no mundo inteiro. A discussão girava, grosso modo, em torno das universidades e da forma que se encontravam organizadas.

Embora não seja possível relacionar todos os jovens a esses valores e experiências, pode-se dizer que tais eventos contribuíram para cristalizar uma imagem em torno da ideia da juventude como “transformadora” e “revolucionária”. Tal imagem, além de obscurecer outros modos de ser e viver essa fase da vida em diferentes contextos, constituiu-se em uma fonte de expectativas quanto à participação juvenil como “modernizadora da sociedade”, muitas vezes a partir de uma perspectiva essencialista da juventude. Nos anos 80-90 do século XX, há uma grande visibilidade para os jovens urbanos envolvidos em práticas culturais. Nessa época, surge uma preocupação com as “tribos urbanas”, bem como as imagens dos jovens vistos a partir do paradigma de “problema social”. Se no passado a imagem do jovem como problema estava mais relacionada à rebeldia, muito marcada por uma leitura sociopsíquica, nesse momento os jovens passam a ser vistos como “ameaça” ao desenvolvimento social: desemprego, baixa

escolaridade, gravidez precoce, envolvimento com o consumo e tráfico de drogas e com situações de violência.

Já na transição entre os séculos XX e XXI, a juventude aparece como o que podemos chamar de modelo cultural (PERALVA, 1997). Alguns valores, marcados pela positividade, saúde, jovialidade, vigor e alegria, são perseguidos por todos. Esses passam a ser um ideal a ser alcançado.

O jovem ainda tem sido visto, na maioria das vezes, como um ser em formação, haja vista a opinião dos próprios jovens da Frente de Juventude e a imagens construídas pelos coordenadores da ocupação a seu respeito, o que nos remete a uma visão estigmatizada desse mesmo jovem como um "não ser". Essa é uma análise que utiliza a condição de transitoriedade para destacar a juventude em sua negatividade (DAYRELL, 2003). Embora exista um caráter de transitoriedade na experiência juvenil, como em todas as fases da vida, essa fase não se limita à preparação e à expectativa de um tempo futuro (CORTI; SOUZA, 2004).

A imprecisão do termo juventude faz com que seja possível a construção de várias representações, o que torna um consenso algo difícil. Entre as várias possibilidades de representação construídas em torno dos jovens, destaca-se aquela que privilegia a juventude como um período de transição, um rito de passagem, uma fase da vida marcada pela crise existencial.

O paradoxo vivido pela juventude está no fato de constituir uma fase que cada vez mais se prolonga e que, em contrapartida, é desqualificada ao ser tratada, simplesmente, como um rito de passagem (SPOSITO, 2000). Outra representação recorrente destaca a juventude como momento do prazer, da liberdade, da excentricidade, do que é exótico. Nessa perspectiva, a experimentação, o treino e o erro estão ligados à irresponsabilidade, que acabam por se tornar características do comportamento juvenil. De maneira concomitante a isso, aparece também a representação da juventude como momento de crise, de conflito, de falta de identidade. Por outro lado, alguns autores reconhecem o jovem como um ator social revolucionário em potencial, responsável pelo fomento de mudanças importantes na sociedade (ZANETI, 2001). Outros nos dizem que a juventude, por ainda não estar totalmente socializada, cooptada pela organização social, envolvida pelo *status quo*, questiona e interpela a organização social na qual está inserida, o que não quer dizer que seja revolucionária por essência (MANNHEIM, 1973).

A proposta de trabalhar e estudar a participação de jovens militantes em movimentos sociais e ações coletivas em uma ocupação urbana levou à opção por uma concepção de juventude em específico, que concebe o jovem como sujeito de direitos, que vive uma condição juvenil própria. Diante do debate estabelecido, entendo que a juventude é multifacetada,